

Dar à estampa ou dar à sola: eis a questão.
Contributos para uma descrição semântica da preposição *a*

Manuel Luís Costa

Escola Superior de Educação de Lisboa

1. Introdução

Neste artigo, proponho-me descrever as propriedades semânticas da preposição *a* presente em expressões fixas do Português europeu com as seguintes propriedades sintácticas:

(1) *dar* V suporte¹ + PREP *a* + SN

Tradicionalmente designadas de expressões idiomáticas, idiotismos ou locuções verbais, as expressões em causa são caracterizadas como opacas do ponto de vista semântico (Gross, 1996: 10-11).² Assim, e dado que o seu sentido é analisado como não composicional, a selecção de tal fenómeno linguístico para o estudo das propriedades semânticas da preposição *a* poderá parecer algo desajustada.

Na medida em que as preposições, funcionando como marcadores de noções gramaticais, estão associadas a operações que incidem sobre as noções lexicais, procurarei, no entanto, demonstrar a pertinência teórico-metodológica da abordagem proposta para a investigação no âmbito da semântica preposicional.

Tendo em vista a desintrição das operações, principal dificuldade metodológica associada ao estudo das preposições (Berthonneau e Cadiot, 1991: 3; Paillard, 2001), e uma vez apresentados os dados e feita a sua descrição, recorro, primeiramente, à proposta de definição da FE (forma esquemática) de *dar* assumida por Correia e Campos (2002), na sequência de Oriez (2001), discutindo-a. Seguidamente, procedo à descrição das operações / valores marcados pela preposição *a* nos contextos em estudo.

¹ Não faz parte dos objectivos deste trabalho discutir a pertinência do conceito de **verbo suporte**.

² Faço aqui referência à opacidade semântica enquanto característica, entre outras, das expressões fixas. No que respeita às expressões nas quais ocorrem verbos suporte, no entanto, Gross (1996: 75) considera que estas não formam expressões fixas, donde, no seu entender, não se poder falar em locuções verbais. No Português europeu, no entanto, e embora tal assunção seja ajustada a expressões como *dar um beijo* ou *dar um abraço*, já no que toca às expressões em estudo neste trabalho (*dar à sola* ou *dar à luz*) ela parece claudicar, visto que os grupos nominais bem como os determinantes que as constituem são fixos. São, além disso, interditos os modificadores.

2. Descrição dos dados

Observando os dados³, muitos dos quais apenas possíveis em determinadas variantes sociolectais ou em contextos informais, outros, em menor número, possíveis na norma:

(2) *fugir, evadir-se, desaparecer, correr*

dar aos butes (DH: 690; DM)⁴

~ *aos calcanhares* (DAC, DM)

~ *aos calcantes*

~ *à(s) canela(s)* (DAC, DM)

~ *às de vila-diogo* (DAC, DM)

~ *às gâmbias* (DAC, DM)

~ *às palanganas* (DM)

~ *ao pedal*

~ *às pernas* (DM)

~ *à sola*

~ *aos tamancos* (DAC)

~ *às trancas* (DM)

(3) “surgir na praia, na areia, em terra..., empurrado pela maré ou pelas ondas” – DAC: 1061

dar à costa (DAC, DH, DM)

(4) *accionar, pôr a funcionar*

a. *dar à bomba* (DH)

b. *dar à manivela*

(5) “ter um filho ou uma cria” – DAC: 1061; parir; “publicar, editar (uma obra)” – DM: 813)

dar à luz (DAC, DH, DM)

(6) *imprimir*

dar à estampa (DAC, DH, DM)

(7) a. *falar muito*

dar ao badalo (DAC, DM)

~ *à língua* (DAC, DM)

~ *aos taleigos* (DM)

~ *à taramela* (DM)

³ Apesar da variedade e diversidade de exemplos, a lista está longe de ser exaustiva.

⁴ Por uma questão de economia da escrita, adopto as seguintes convenções: DH (Dicionário Houaiss) – Houaiss & S. Villar (2002); DM (Dicionário de Moraes) – Moraes da Silva (1949/1959); DAC (Dicionário da Academia das Ciências) – Casteleiro (2001).

- b. “costurar ou fazer meia com afinco” – DM: 813; escrever com afinco;

dar ao dedo (DM)

- c. *comer, mastigar*

dar ao dente (DAC, DM)

~aos queixo(s) (DM)

- d. *dançar*

dar ao capacete (DAC)

~ à carola

~ à(s) gambia(s) (DM)

~ à perna (DAC, DM)

- e. “Ter a respiração muito acelerada (animal) – DM: 813

dar aos foles

- f. “Trabalhar com afinco em obras de mão, como escrever, coser, etc.” – DM: 814

dar à unha

- g. “Agitar a cauda em sinal de contentamento (diz-se dos cães). (...) Fazer oscilar (uma mulher) os quadris ou as nádegas com intuito de provocação sensual.” – DM: 813

dar ao rabo (DM)

- h. “movimentando-se ora para um lado ora para o outro. ≈ A BALANÇAR” «Com o rabito *a dar a dar*.» – DAC: 1061

a dar a dar (DAC, DM)

constatamos a presença de um elemento comum a todos eles: a definitude do SN à direita da preposição. No que respeita aos NN que preenchem o núcleo dessas expressões, verifica-se a ocorrência de nominais que participam de relações lexicais de parte-todo – corpo humano (mas não só) e partes do corpo, por exemplo, *pernas, calcanhares, dedo, língua*, etc.; calçado e partes de calçado como, por exemplo, *tamancos, sola*; máquinas ou mecanismos e partes de mecanismos, como *bomba, manivela, taramela*. A par destes, surgem ainda NN com interpretações espaciais (*vila-diogo e costa*) ou interpretáveis em função de mecanismos metonímicos (*capacete*) e metafóricos (*taramela, badalo*), o que não permite aparentemente vislumbrar qualquer tipo de regularidade. Em (7 h), verifica-se ainda a possibilidade de ocorrência de um predicado verbal (*dar*), ocupando a posição que no paradigma é preenchida pelo SN definido.

Intuitivamente, e no que respeita à preposição, podemos associar-lhe, em (2) e (3), valores de natureza espacial (direcciona), correspondendo ao afastamento ou aproximação em relação a uma determinada entidade, ao passo que nos exemplos seguintes – (4) a (7) –

identificamos a presença de valores definidos por alguns autores como figurados ou nocionais.⁵

A intuição linguística dos falantes é igualmente sensível a um funcionamento contrastivo dos exemplos em (2), por um lado, e em (7), por outro lado – deixo de parte, para já, os restantes exemplos. Deste modo, associa-se aos primeiros uma situação de tipo pontual, ao passo que os segundos representam situações durativas.

Parece pois existir uma co-relação de factos. Assim, nos casos em que os predicados verbais exprimem situações de tipo pontual, a preposição constrói um valor espacial; nos casos em que os predicados verbais exprimem situações de tipo durativo, a preposição define o valor nocional.

Por forma a testar a validade da hipótese levantada, e recorrendo a testes empíricos, observemos então o comportamento das expressões *dar+a+SN definido*:

- (8) a. o João deu à sola há dez minutos.
 b. *o João deu à língua há dez minutos.
- (9) a. *o João deu à sola durante dez minutos.
 b. o João deu à língua durante dez minutos.

Tomando os exemplos a. como representativos do paradigma em (2) e os exemplos b. do paradigma em (7), por uma questão de economia da exposição, podemos observar a compatibilidade das expressões *dar à sola* com adverbiais pontuais (*há dez minutos*), mas não com adverbiais durativos (*durante dez minutos*). Já no que respeita à expressão *dar à língua* parece existir um funcionamento oposto: compatibilidade com adverbiais durativos, mas não com os pontuais.⁶

O recurso a testes nos quais se combina a forma progressiva com as expressões em análise permite corroborar as observações anteriores:

- (10) a. *o João esteve a dar à sola durante 10 minutos.
 b. o João esteve a dar à língua durante 10 minutos.

De facto, em (10 b), o acontecimento é construído como homogéneo, isto é, não sofre qualquer alteração qualitativa no decurso de T_2 (tempo do acontecimento linguístico), daí a possibilidade de coocorrência com os adverbiais durativos. Por outras palavras, pode dizer-se que em qualquer instante do intervalo de instantes associado a T_2 a propriedade *dar à língua* é construída como válida – ou seja, goza da propriedade de **subintervalo** (Bennett e Partee, 1978:14).

Face ao exposto, podemos então concluir que as locuções verbais presentes no paradigma (7) correspondem na tipologia de Vendler (1967) à classe aspectual das **actividades**.

⁵ De acordo com Pottier (1968: 144-147), teríamos a expressão de movimento nos dois casos, embora tendo por referência o campo espacial, em (2) e (3), e o campo nocional, nos restantes exemplos.

⁶ No que respeita às expressões do tipo *dar à língua*, como em (8b), importa referir que a sua coocorrência com adverbiais pontuais é sensível à manipulação do tempo verbal. Assim, se observamos a má formação da sequência quando recorremos ao PPS, já noutro exemplo: *há dez minutos o João estava a dar à língua*, tal não acontece.

Com as expressões do tipo *dar à sola*, representadas como um intervalo pontual, a coocorrência quer com a forma progressiva, quer com os adverbiais durativos não é possível, uma vez que a representação do acontecimento linguístico corresponde a transição de um limiar semântico, cujo estado resultante pode ser definido pela glosa *o João já saiu /foi embora*.⁷

Assim, e de acordo com a tipologia de Vendler (1967), analisaremos as expressões em (2) como marcadores de **eventos instantâneos**.

Antes de dar sequência à análise, importa referir que, no que respeita a determinadas expressões, no entanto, não se pode determinar, *a priori*, o seu funcionamento como evento instantâneo ou como actividade, como podemos confirmar nos exemplos seguintes:

- (11) a. «Enquanto um tratasse de entreter o guarda, os outros três fariam a colheita o mais depressa possível~ Depois era dar às pernas e cada qual que se safasse o melhor que pudesse.» (Busse, 1994: 141-142);
 b. «Tu que és português? — pergunta-me um reguila sentado num muro, a dar às pernas, quando passo por ele e me ouve a falar com um dos companheiros da excursão.» (Busse, 1994: 141)

De facto, em (11a), a expressão *dar às pernas* significa *fugir*, representando um evento instantâneo. Em (11b), por seu turno, significa *mover / balançar as pernas de um lado para o outro*, correspondendo a uma actividade.

No que respeita às locuções verbais exemplificadas em (3), (4) (5) e (6), a análise deverá prosseguir com alguma prudência. Observemos, por conseguinte, os exemplos:

- (12) a. os destroços deram à costa há duas horas.
 b. a Maria deu à luz há duas horas.
 c. o mecânico deu à bomba há duas horas.
 d. a editora XPTO deu à estampa o novo romance do Pennac há duas horas.
- (13) a. os destroços deram à costa durante duas horas.
 b. *a Maria deu à luz durante duas horas.
 c. o mecânico deu à bomba durante duas horas.
 d. *a editora XPTO deu à estampa o novo romance do Pennac durante duas horas.

Como podemos constatar em (12a, b, c e d), todos eles são compatíveis com os adverbiais pontuais. O que não significa, no entanto, que se deva proceder a uma análise semelhante à efectuada para o paradigma presente em (2), como podemos verificar pelo comportamento não uniforme dos exemplos em (13).

Assim, começarei por propor que os enunciados (12 a, b e d) exprimem situações do tipo evento instantâneo. De facto, é possível associar às locuções verbais *dar à costa*, *dar à luz* e *dar à estampa* a transição de um limiar semântico, de tal forma que podemos dizer: *os destroços já atingiram a costa há duas horas*, *a Maria já pariu há duas horas* e *a editora imprimiu o novo livro do Pennac há duas horas*.

⁷ Sobre o problema das glosas tendo em vista a definição do estado resultante de determinados predicados verbais, cf. Campos e Xavier (1991: 316-317).

Mas, se é verdade que as impossibilidades observadas em (13b e d) corroboram a análise proposta, como explicar, no entanto, a possibilidade observada em (13a)? Neste caso, poderemos dizer que a pluralização do N *destroço* marca a fragmentação da noção, tornando possível a repetição do acontecimento linguístico associado a *dar à costa*. Optando pelo singular, a impossibilidade de coocorrência de *dar à costa* com os adverbiais durativos manifesta-se igualmente:

(14) *o barco deu à costa durante duas horas.

No que respeita aos exemplos (12c) e (13c), representativos do paradigma em (4), direi que a interpretação preferencial destas locuções é a de **evento instantâneo** – em (12c). A possibilidade de coocorrência com o adverbial durativo, em (13c), poderá explicar-se na medida em que *dar à bomba*, permite a construção de um número indefinido de eventos instantâneos, que se vão sucedendo de forma homogénea.

No que respeita ao estudo da semântica da preposição, esta linha de análise poderá, no entanto, revelar-se problemática do ponto de vista metodológico, uma vez que não permite dissociar os valores marcados pela preposição dos marcados pelos restantes elementos do co-texto em presença.

De modo a tornar possível a desintração de operações e valores presentes nas construções acima apresentadas, e dado que as preposições, enquanto noções gramaticais só se deixam apreender nos contextos em que ocorrem, importa considerar, por um lado, a FE^N de *dar*. Por outro lado, importa igualmente ter em conta o estatuto relacional da preposição, assumindo que esta marca uma relação entre dois termos (X PREP Y), posição, aliás, difundida na literatura da especialidade por diferentes autores (cf. Brøndal, 1950, entre outros).

2.1. FE de *dar*

Tendo em vista a representação abstracta do verbo *dar* – seja ele verbo lexical ou verbo suporte⁹ –, em Correia e Campos (2003: 6), e na sequência de Oriez (2001), propõe-se a estrutura invariante XdarY(aZ), a qual corresponde à seguinte definição:

(15) “um termo Y sofre uma deslocação orientada, cujo último ponto é definido pelo termo Z.”

Analisando o conjunto de expressões apresentadas em (2) a (7), verificamos que nenhuma dificuldade de identificação se coloca, no que respeita aos termos X e Z, ambos com realização sintáctica – X corresponde ao sujeito sintáctico e Z ao SP argumental. Se excluirmos as construções *dar à luz* e *dar à estampa*, exemplificadas em:

(16) a Maria deu à luz uma linda menina.

(17) a editora XPTO deu à estampa um novo romance do Pennac.

⁸ No quadro da Teoria Formal Enunciativa, a **forma esquemática** (FE) corresponde à construção de uma representação abstracta, com características estáveis e controláveis, a partir de formas empíricas e das suas propriedades distribucionais (Culioli, 1986,1987 [1990]: 116-117, 128-129).

⁹ No que respeita à definição da FE, Correia e Campos (2003: 6) defendem mesmo a não pertinência da distinção entre verbo lexical e verbo suporte, o que os dados a apresentar no contexto deste trabalho parecem confirmar.

nas quais o termo Y tem realização lexical, correspondendo aos SN's *uma linda menina* e *um novo romance do Pennac*, em nenhuma das outras construções exemplificadas tal é possível, o que objectivamente coloca o problema da identificação deste termo.

Assim, e no que respeita aos paradigmas (2) e (3), defendo que o termo que sofre a deslocação orientada, a variável Y, se identifica com o termo X. Deste modo, em (8a) e (12a), teremos como termo Y(= X) os SN's *o João* e *os destroços*, respectivamente.

O termo Z, por seu turno, regula ou delimita a deslocação a que é sujeito Y, podendo corresponder ou não a um último ponto. Deste modo, considero pertinente a redefinição da proposta de FE do V *dar* em (15), assumindo uma formulação próxima da de Paillard (2001: 3):

(18) um termo Y sofre uma deslocação orientada, delimitada pelo termo localizador Z.

Quanto ao paradigma em (7), tem de ser efectuada uma análise distinta. Assim, em exemplos como (9 b), renumerado como:

(19) o João deu à língua (durante dez minutos)

verifica-se, mais uma vez, a não realização lexical do termo Y. O termo que sofre a deslocação orientada é *a língua*, havendo, por conseguinte, identificação entre os termos Y e Z.

Sistematizando, podemos observar três situações distintas:

- a) (X=Y) – paradigmas (2) e (3);
- b) (Y=Z) – paradigma (7);
- c) o termo Y tem realização lexical – paradigmas (5) e (6).

2.2. Para uma descrição semântica da preposição *a*

No que respeita às preposições em geral, e à preposição *a* nos contextos em estudo, em particular, devemos partir da premissa de que estamos na presença de marcadores de noções gramaticais (tempo, aspecto, modalidade, determinação) – de tipo β . No caso específico das preposições, este tipo de noções constrói-se através de operações que incidem sobre as noções lexicais.

Assim, e embora assumindo o estatuto relacional das preposições (X PREP Y), defendo, de acordo com Franckel e Paillard (1997:112), que estas não funcionam apenas como meros operadores relacionais. Efectivamente, julgo que também para a preposição *a* poderá ser produtiva a hipótese de trabalho daqueles autores, segundo a qual a preposição define as relações que o termo Y estabelece com o domínio nocional. Numa cascata de operações, considero ainda que a definição da identidade de Y torna possível a formatação do verbo

Partindo do pressuposto de que a preposição marca uma relação entre dois termos (X PREP Y), assumirei, de acordo com Paillard (2001: 4), que aqueles coincidem com elementos da forma esquemática do verbo. Neste sentido, nos contextos em apreço, X coincide com o termo Y da FE do verbo e Y com o termo Z, o que constitui a forma de intricação máxima entre o verbo e a preposição (id., ibid.).

Assim, e tomando como exemplo os enunciados (12a) e (16), diremos que a preposição localiza X (= *os destroços* e *uma linda menina*) em relação a Y (= *a costa* e *a luz*), o qual possui um domínio topologicamente estruturado. A preposição *a* confere ao termo Y uma fronteira (F), marcando uma disjunção de valores: o interior (I), a *costa* e a *luz*; e o exterior (E), o *mar* e a *obscuridade*. Em ambos os exemplos, o termo X efectua uma deslocação, transpondo a F e situando-se em I, o que ilustra a possibilidade de análise conjunta destes exemplos.

Não ignoro, evidentemente, que esta análise só é possível porque I e E se inscrevem na complementaridade nocional intrínseca a Y, não sendo extensível exactamente nos mesmos moldes aos restantes exemplos. Julgo, no entanto, que a hipótese acima enunciada poderá ser produtiva, do ponto de vista teórico-metodológico.

De acordo com os dados expostos, sustento pois a hipótese, a testar em estudos subsequentes, de que é vantajoso o recurso a uma representação quasi-topológica, quer para os valores espaciais, quer para os valores ditos figurados. Assim, a preposição *a* marcaria a transposição de uma fronteira (F), com saída para o exterior (E) do domínio, no caso do paradigma (2), ou com entrada em I (interior), nos casos de (3), (4), (5) e (6).

Em (7), a localização circular entre X e Y (respectivamente, os termos Y e Z da FE do V *dar*) bloquearia a transposição de F, pelo que as ocorrências se situariam em I.

3. Observações finais

Não creio que faça qualquer sentido falar em des-semanticização da preposição, mesmo em expressões fixas, como as que acabam de ser descritas. À preposição estará necessariamente associada uma configuração sintáctico-semântica abstracta, a qual, em função da sua interacção com o co-texto, poderá sofrer modificações da forma de base: certas propriedades permanecem invariáveis, apesar da transformação, enquanto outras irão variar (Culioli, 1986: 129).

Referências

- Berthonneau A.-M. & P. Cadiot (orgs.) (1993) *Les prépositions, méthodes d'analyse. Lexique 11*. Lille: Presses Universitaires de Lille.
- Brøndal, V. (1950) *Théories des prépositions. Introduction à une sémantique rationnelle*. Copenhague: E. Munksgaard.
- Busse, W. (coord.) (1994) *Dicionário sintáctico de verbos portugueses*. Coimbra: Almedina.
- Cadiot, P. (1997) *Les prépositions abstraites en français*. Paris : Armand Colin.
- Campos, M. H. C. & M.F. Xavier (1991) *Sintaxe e Semântica do Português*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Casteleiro, M. (coord.) (2001) *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*. Lisboa: Verbo.
- Correia, C. N. & M. H. C. Campos (no prelo) Construções com dar/fazer SN em português europeu. In *Anais do III Congresso Internacional da ABRALIN*. Rio de Janeiro.

- Culioli, A. (1983) [1990] Concept of notional domain. In *Pour une Linguistique de l'Énonciation*. Paris: Ophrys, pp. 67-81.
- Culioli, A. (1986) [1990] Stabilité et déformabilité en linguistique. In *Pour une Linguistique de l'Énonciation*. Paris: Ophrys, pp. 127-134.
- Culioli, A. (1987) [1990] Formes schématiques et domaine. In *Pour une Linguistique de l'Énonciation*. Paris : Ophrys, pp. 115-126.
- Franckel, J.-J. & D. Paillard (1997) Prépositions et travail notionnel sur les termes mis en relation. Le cas de *sous* en français. In Rivière, C. & M.-L. Groussier (orgs.) *La Notion* (Actes du Colloque «La Notion» organisé au 2 et 3 fév. 1996 à l'Institut d'anglais Charles V). Paris : Université Paris 7.
- Gross, G. (1996) *Les expressions figées en français. Noms composés et autres locutions*. Paris: Ophrys.
- Houaiss, A. & M. Salles Villar (2002) *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Lisboa: 2002.
- Morais da Silva, A. (1949/59) *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. 10ª ed. revista, aumentada e actualizada. Lisboa: Confluência.
- Oriez, S. (2001) Grammaticalisation et formes schématique. In Col, G. & D. Roulland (dir) *Grammaticalisation 2, CERLICO 14*. Presses Universitaires de Rennes, pp. 237-245.
- Paillard, D. (2001) *Prépositions et rection verbale (ms)*
- Pottier, B. (1962) *Systématique des éléments de relation : étude de morphosyntaxe structurale romane*. Paris : Klincksieck.
- Pottier, B. (1968) Espacio y tiempo en el sistema de las preposiciones. In *Lingüística moderna y filología hispánica* (versão espanhola de Martín Blanco Álvarez). Madrid: Gredos, pp. 144-153.
- Vendler, Z. (1967) *Linguistics and Philosophy*. Ithaca, New Cork: Cornell University Press.